

VIMARANENSE

Semanário político, literário e noticioso, órgão do Partido Evolucionista

Director, proprietário e editor — Custódia dos Santos Lima Guimarães

PREÇO DA ASSINATURA

Ano, sem estampilha	1\$20
Semestre, idem	600
Ano, com estampilha	1\$50
Semestre, idem	750
África e Brasil, por ano (moeda forte)	3\$35
Número avulso	304

Redacção, Administração, composição e impressão
Rua Elias Garcia, 43 (antiga rua de Santa Maria)

PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, por linha	700
Repetição dos mesmos	700
Anuncios permanentes, contracto especial	
As obras literarias annunciam-se gratis, recetando-se por recetos um exemplar.	
Os autógrafos, sejam ou não publicados, não se restituem.	

Declaração do Partido Republicano Evolucionista aprovada, por aclamação, na assembleia magna do mesmo Partido, em 6 do corrente

O Partido Republicano Evolucionista, mantendo-se completamente autónomo no seu programa e na sua acção partidária e no uso pleno dos seus processos legalistas, ao apreciar a actual situação política deliberou:

- afirmar a sua crença inabalavel nos destinos da Pátria sob o regime republicano, exercido sem tergiversações nem sofismas;
- proclamar que a honra e os supremos interesses nacionais exigem a continuação da politica externa dos dois últimos governos e repelir, como traição execrável, qualquer corrente ou tendencia contrária, saudando ao mesmo tempo com todo o entusiasmo as Forças de Terra e Mar, que denodadamente estão mantendo as gloriózas tradições do Nome Português;
- protestar contra todas as medidas offensivas da liberdade de pensamento, reunião e associação;
- repelir indignadamente a campanha feita nos jornais monárquicos, que apoiam o governo, contra o velho republicano, dr. António José de Almeida;
- assegurar a mais dedicada e carinhosa solidariedade aos Evolucionistas vítimas das violências do poder;
- saudar todos os Republicanos incitando-os á defesa e ao engrandecimento da República, única maneira de se cumprir a alta e sagrada missão de salvar a Nacionalidade.

Eis o que,—reunidos, sob a presidencia do nosso eminente Chefe, em assembleia magna os delegados de todos os organismos partidários da provincia e de Lisboa para assentar na attitude do nosso partido em face da actual situação revolucionária, se deliberou afirmar ao País em unânime declaração.

Falou, pois, o valoroso Partido Evolucionista, que tem a consciéncia da sua força e dos seus destinos e sabe viver conformado na sua ardente fé republicana e na acção politica do seu Chefe querido, raro exemplar de abnegação, de probidade, de intelligencia e patriotismo.

E falou de maneira esse Partido—que não podia dignificar mais nem a grei nem a República!

Hurrá pelo Partido Evolucionista!

Hurrá pelo Dr. António José de Almeida!

O Liceu Central Martins Sarmiento

(Arquivo de documentos para a sua história)

Continuação do n.º 113

Tinhamos visto como o sr. ministro (interino) da Instrução, efectivo do Interior, em quem os democráticos tinham sempre amparo espontâneo e pertinaz para quanto lhes apetecesse, malograra, com o telegrama daninho de 29 de Setembro para a secretaria do Liceu, o texto expresso duma Lei—duma lei, que elle próprio votou e subscreveu e á qual o seu colega, efectivo ministro da Instrução, dera seu voto complacente e competente.

Informado da droga venenosa do sr. Almeida Ribeiro, manipulada pelo chefe interino, sr. Silverio Júnior, para malogro do nosso curso liceal complementar, o sr. Conego Gomes expediu para Lisboa os seguintes telegramas:

Ex.^{mo} Presidente República.

Excelencia

Foi, não sei por quem, anulada matrícula já requerida quarenta e tantos alunos curso complementar Liceu Martins Sarmiento, Guimarães, recentemente criado. Deputado por este circulo e autor projecto convertido lei, «Diário» de 29 Agosto 1917, eu protesto veementemente perante V. Ex.^a, venerando Chefe Nação, bem crente que só pela honestidade e respeito lei se pode dignificar República.

Ex.^{mo} Presidente Ministério.

Deputado por Guimarães e autor projecto lei que elevou a Central seu Liceu Nacional, «Diário» 29 agosto 1917, eu protesto energeticamente contra anulação, última hora ordenada, matrículas já requeridas curso complementar e chamo attenção V. Ex.^a este desrespeito lei, o qual representa enorme desconsideração esta terra e grande prejuizo seus interesses.

E fez publicar num jornal da localidade o seguinte artigo:

Ilustres Vimaraneses, amigos de Guimarães

Parece, pelo que se lê nos jornaes de hontem, que o Liceu Central de Guimarães foi um caso de *chantage*, uma especie de conto do Vigário, *truc* inventado por mim ao sair de Lisboa, para apañhar a V. Ex.^a, na chegada, uma festiva manifestação.—Sim, parece que foi só isso e não uma realidade de fixadã em lei escrita.

Pois dou a V. Ex.^a a minha palavra de honra de que não fiz uma *blague*, nem lhe impingí o conto do Vigário quando para aqui telegrafei que o nosso Liceu fora elevado a Central sob o nome de tão belo horóscopo—Martins Sarmiento—como pudera ter sido (visto que este illustre Vimaranesense já tinha sua consagração

num-monumento) sob o nome de Oliveira Guimarães, o bondoso abade que foi indefesso cultor de historias e arqueologias com Sarmiento, como pudera ter sido sob o nome do dr. João de Meira, o esperançoso lente da Escola medica Portuense, tão precocemente roubado, já com alto renome na republica das letras—ou como pudera ter sido sob o nome de Francisco Agra, tambem vulto proeminente e benemérito da nossa terra, embora de revelo mais politico que literário.

Insisto: não lhes impingí o conto do Vigário.

Lembro-me bem das minhas diligencias e rodopios junto das comissões, das falinhas mansas a este e mais aquêle, das curvaturas e retratamentos aqui e ali, da obsidiação importuna mais além (conforme o lance), das minhas transigências calculadas etc., etc. Lá passou na Câmara dos Deputados. Tenho a certeza disso.

Também tenho a certeza de que foi votado na Câmara alta, no illustre Senado.

Aqui torceu mais o tabo a porca... da politica. Houve um pouco mosquitos por cordas (fora das sessões, é claro) e viram-se nos horizontes umas nuvenzitas, prenúncio de tempestade. A peça esteve a ser encravada por habéis ou inabéis perpetradores de artifizices.

Tenho, porém (repito) a certeza de que tambem lá passou e devo ao Senado, e em especial, ao dr. Agostinho Fortes e aos meus correligionários muita gratidão.

Mas—para cúmulo de certeza—lá está no «Diário» o decreto de 29 d'Agosto de 1917. É claro como sol sem nuvens e tem as tres assinaturas garantidoras: chefe do Estado.—Ministro do Interior—Ministro da Instrução.

Não fiz, pois, uma *blague* nem contei aos Vimaraneses o conto do Vigário. O Liceu Central de Guimarães era uma realidade nas leis de um País com honestidade.

Agora o que leio nos jornaes é para mim uma *surprezissima*. Segredam-me, aqui do lado que parece uma *eseroqueie*.

Eu quedo-me espantado.

Nada sei dizer.

Como ella se operou devem sabê-lo outros, nossos patriotas, uns taes que, como é notório, não se ocultavam de rosnar contra a Centralidade do nosso Liceu, a qual nenhum encargo traz ao Estado nem ao Municipio e é, para a nossa terra, um titulo de honra, um elemento de riqueza, uma facilitação de curso aos menos abastados e um aproveitamento de actividades e competencias locais. Se não comprehendem isto as tertulias dominantes do burgo, estão em divergencia com os homens de bom senso e cotação social.

Eu bem aconselhei e teimei com V. Ex.^a (era quasi profeta) que

me deixassem vir surrateiro e sem rumor para o meu retiro do Beringel.

Faltou-me pedir pelas almas em quantas cartas escrevi. Estava adivinhando a enorme *ciumeira* por bem conhecer certa raça de politiqueiros. V. Ex.^a, porém, insistiram e venceram-me.

Dai as cóleras. «E' manifestação partidária, conclamou-se. Salta já contra-veneno e contramina para que se confirmem nossos amoucos na ideia de que somos nós *los valientes*, que dispomos cá de baixo e lá de cima!»

E, após os necessários trabalhos, lá surgiu essa negra traição de enxotarem para longe do nosso Liceu Martins Sarmiento umas quarenta e tantas matrículas, como quem diz, a movimentação, na cidade, de bons doze contos.

Agradecemos de cócoras aos que, julgando-se donos dê-te pequeno sertão, seguem, tanto a primor, o Grão Senhor da grande roça portuguesa!

Eu, meus caros senhores, com este quasi latrocínio, nada perdi; até luerei.

Primeiramente, em Liceu Nacional tenho de trabalhar menos, recebendo o mesmo como até aqui. E assim os meus colegas.

Em segundo logar ficou obvio que quem só, agora encravou o Liceu Central é porque nas Câmaras o não pôde encravar. E, em tal caso, alguma coisa vali.

De resto, *si parva licet componere magnis*.

Duma glória fico contente: *Que esta terra ame e esta gente*.

Vou contar-lhes uma historiêta e no fim dar-lhes um alvitre.

Era uma vez um padre que, por inebuncia dum desolado viuvo, celebrou 6 missas a sufragar-lhe a esposa.

Esperou o padre longos dias que o dorido viuvo lhe appareçasse com a esmola das 6 missas.

Mas nada. O viuvo nas feiras, onde ambos eram certos, furtava as voltas ao padre esquivando-se-lhe ao encontro com as boas artes do caloteiro emérito. O padre observava-o de longe e ia notando que o amor *por quem Deus levára* ia perdendo muito daquelle primeiro ardor. A morte estaria em breve substituida porque o *incontolável* viuvo, topa aqui topa acala, buscava consolação em projectados consorcios. As conversadas eram *aos magotes*. O padre não era tão bronco que não raciocinasse: «O homem casa-se de novo. Esquece, de todo, a primeira mulher e as missas. Manda-me ao diabo e eram uma vez... dezoito tostões.»

Assentou, pois, o padre em, sempre que visse o remisso namorado com a conversada, interpe-la-lo de chofre: *O João, quanto me pagas aquelas missas que te disse pela mulher?* julgando á sim vexá-lo e metê-lo em brios.

O caso foi que o lavrador prometia pagar sem falta na feira seguinte, mas foi *bigodeando* o padre tres feiras consecutivas; até que, por fim, o padre ameaçou nestes termos: *Ou me pagas hoje ou eu desdigo as missas e a nu-*

Aniversários registaveis

Fazem anos, desde 10 a 17 do corrente:

- As ex.^{mas} sr.^{as}:
- 11—D. Adelaide Sofia Monteiro de Meira.
 - 13—D. Margarida Helena M. de Menezes.
 - D. Maria Adelaide Mota.

- 14—D. Emilia Constança Adelaide de Freitas Basto.
 - 15—D. Ana de Jesus Flôres.
- E os srs.:
- 14—João do Amaral Pinto e Freitas;
 - José Joaquim Vieira de Castro Júnior.
 - 16—Padre Manuel Ramos.
 - 17—João Rodrigues Loureiro;
 - Americo Anibal Vasco Leão.

ther roda já para o inferno. Foi efficacissimo o expediente. O lavrador pagou.

Aplicamos el cuento. V. Ex.ª vão ter com os empalme-vasas. Todos sabemos quem são. Digam-lhes: «Se Vocês puserem p'ra aqui o Liceu Central, que escamotearam a última hora, nós revogamos as homenagens-rendidas ao Conego no regresso, com as quaes não quisemos senão significar-lhe o agradecimento pelos seus bons officios na consecução de um melhoramento, sem presumirmos que vocês levariam o seu animo até ao ponto de desvirtuarem a recepção e fazerem agora ao Liceu Central o que o Aujo de certo painel fez na escórta da espingarda com que Jacob qui matar Isaac.

Sim, illustres Vimaraneses amigos de Guimarães, façam V. Ex.ª como o padre da historietta. Prometam desdizer as missas. Renuem as congratulações amigas ao despretencioso deputado, que ao Liceu Central meteu hombros decididos.

Em vez de suspirarem pelo passado ou de labutarem por uma República modelar, de honestidade e justiça, como a de Arriaga, Eduardo d'Abreu, João de Freitas e Antonio José d'Almeida, matriculem-se V. Ex.ª nessa riqueza da República que p'ra ahí pegou e pra aí vegeta com um enorme e negro ponto de interrogação diante de si. E fazendo-o assim, V. Ex.ª verão como quem nos empalmou as matriculas do 5.º e 7.º ano no-las restitue de pronto. Eles não têm odio ao Liceu Central. Creio mesmo que o reputam um petiz interessante, vivedouro, saozinho e escoreito. O nome do padrinho é que são mal. Queriam-no Afonso e saiu Alonso.

O Guimarães, se teu progresso, tua vida é toda a tua aspiração, porque não te levantas como um só homem revivendo os bons tempos do Grupo dos Entusiastas (que nem todos hão-de ter morrido ou, se morreram, deixaram descendentes) porque não te levantas como um só homem—repto—não para ressuscitar velhas instituições caídas, mas para melhorar, aperfeiçoar e corrigir esta República, que não foi a dos nossos sonhos?

Porque não sacodes o jugo duma oligarquia prepotente e má que, pela tua inercia, fez de tudo isto campo entrincheirado, vedado nos outros?

Porque não levantas em teus escudos os homens bons e honrados, que no teu seio contas ou no país divisas e os não elevas ás condições de injectarem sangue novo neste organismo dessoroado?

Não te queixes d'elles. Queixa-te da tua moleza. Guimarães, 1.º d'Outubro de 1917.

Ao mesmo tempo e no mesmo jornal, o sr. Conego Gomes reptava o cabecilha democrático vimaranense, indigitado e bem presumido preparador do telegrama travão do sr. Almeida Ribeiro, nestes termos:

Carta aberta

Ao Ex.º Sr. Mariano Felgueiras, Presidente da Commissão Executiva da Camara de Guimarães.

E' V. Ex.ª julgada, na cidade, o responsável do malogro, ao menos temporario (nem mais, para o efeito, era preciso) do nosso Liceu Central Martins Sarmento.

E' o creio; enquanto não me convencêrem do contrario.

Tomo a liberdade de pedir a V. Ex.ª, como contribuinte do Municipio e lutador, que fui, por este melhoramento local, se digne esclarecer a cidade alucinada sobre quaes ponderosos motivos determinaram V. Ex.ª a uma attitude tão lesiva do progresso e dos interesses vimaranenses. Deote embora e aconselhado a

um longo repouso de corpo e de espirito, eu aceito gostosamente a discussão.

Casa de V. Ex.ª 1 de Outubro de 1917.

Conego José Maria Gomes Deputado por Guimarães.

(CONTINUA)

Protesto dos Prelados

(Conclusão)

Em matéria penal, é necessário, é obrigatório dar ás palavras o sentido restricto: Odiá restringenda; nem é lícito argumentar por analogia.

E' evidente, á simples leitura daspreocupada daquele artigo que o legislador só tinha em mente referir-se ao concelho ou distrito da residência do punido ao tempo da punição.

Então era que direito alargou o decreto os limites da penalidade legal, deslizando o Em.º Cardeal Patriarca para fora dos distritos de Évora, Beja, Santarém e Leiria? Não é bem palpável o arbitrio? Não é inegável a ilegalidade, o abuso da autoridade, a prepotência?

E nós, os diligentes da Igreja em Portugal, é que somos acusados de intolerância! Nós, os Católicos, é que somos insultados, até em pleno Parlamento, até por ministros de Estado!

A nós é que se attribue «atribue acintosa e preversa má vontade, simplesmente (sic) perturbadora da ordem pública (relatório do ministro A. C. Macieira Júnior datado de 28 de Dezembro de 1911).

Agora pretende-se irrogar a S. Em.ª a culpa dos prejuizos materiais, que posamos oferecer ás corporações que obedecerem ás suas instruções,—como se a responsabilidade não coubesse inteira e precipua ao legislador, que bem sabia como eram incompatíveis com a Constituição da Igreja Católica as corporações culturais importadas de França e já ali condenadas pela Santa Sé.

Vexados, perseguidos, punidos e, como complemento, caluniados: eis a sorte dos católicos neste país!

V. Ex.ª, Sr. Presidente, quando foi ministro interino da Justiça, escreveu estas palavras, de cuja sinceridade não duvidamos: «... testando sob um regime de discussão e de opinião, dentro do qual a razão será sempre reconhecida a quem a tenha» (circular de 1 de Junho de 1911). E em outra circular, datada de 25 do mesmo mês, dizia ainda V. Ex.ª aos Prelados: «A República não é um regime sectário, hostil a qualquer confissão religiosa... Se o clero de alguma igreja se julgar ofendido, seja por que lei for da República, que represente, porque no próprio regime republicano, que é um regime de razão e de justiça, encontrará todos os meios legítimos para obter satisfação ás suas reclamações».

Pois de V. Ex.ª reclamamos hoje que faça boas, como Presidente da República, as palavras que escreveu como ministro dela.

V. Ex.ª, Sr. Presidente, tem se mostrado avesso a violências, e tem proclamado como ideal e como voto seu muito ardente a união de todos os portugueses e bem da defesa dos interesses nacionais.

A hora é solene—todos o confessam; e o Ex.º Presidente do ministério foi o próprio que, não há muitos dias, annunciou ao Parlamento a possibilidade de graves acontecimentos, dos quaes pode resultar perigo para a autonomia da nossa Pátria.

Parecia de facil intuição e comecinha sensatoz a conveniencia de evitar cuidadosamente tudo que possa maguar e indispor um grande número de cidadãos. A boa vontade, o concurso dedicado de todos os cidadãos é indispensavel neste momento histórico em que lá fóra tantos filhos de Portugal estão vertendo o seu sangue e expondo a sua vida numa luta titânica, de cujo exito depende a nossa sorte como nação.

E que contrastel O Papa, em um nobilissimo gesto inspirado pelo seu grande coração de Pai espirital de milhões de crentes, exercendo a sua altissima missão de Supremo Representante e continuador da obra de Jesus Cristo, cujo nascimento foi saudado como prenuncio da paz entre os homens, o Papa intervem perante as potencias beligerantes aconselhando-as a procurar no terreno do direito a conciliação reciproca dos seus interesses e o termo do prelio mundial; e é então que um membro do Sacro Collegio Cardinalicio é victima de uma violéncia que vai reflectir-se no próprio Pontífice e arremessar-lhe gravissima ofensa!

Nem os soberbos alemães teem usado de tal procedimento para com o Em.º Cardeal Mercier, Arcebispo de Malines, essa altissima figura que, honrando a Bélgica, enobrecce a Igreja Católica!

Nos últimos trinta anos, se a memória nos não é infiel, não há exemplo de ter sido um Cardeal assim tratado, assim punido, com expulsão da sua diocese.

A República Portuguesa é que se cobre de glória com tal acto de força... quando deixa impunes, segundo é voz corrente, malversações, peculatos, crimes gravissimos de toda a ordem; quando lhe fidele a energia para pôr cobro á organização dos serviços, á ganancia

dos especuladores, á ambição dos incompetentes, á desordem social, quasi anarchica declarada, que vai campeando e crescendo dia a dia.

E debalde tentaria o poder civil restituir a este país a tranquillidade, a disciplina, a ordem, desprezando, desprestigiando, ferindo no âmago a força moral que mais effizientemente poderia auxiliá-lo nesse e n'outro—a força moral da Religião Católica e dos seus ministros.

Os dirigentes da República Portuguesa cerrando os olhos á evidencia desta verdade, estão assumindo em face da história uma tremenda responsabilidade; estão preparando um negro futuro á nossa amada Pátria, e talvez—oxalá nos illudamos!—pondo em cheque a existencia de Portugal como nação livre e independente.

Queremos ainda esperar que V. Ex.ª, Senhor Presidente, medindo as consequências da perseguição religiosa, tentará obstar ao seu proseguimento e inspirar ao governo sentimentos de moderação e equidade.

V. Ex.ª não deve permitir que seja um ludíbrio a liberdade de consciencia prometida pela Constituição.

V. Ex.ª não pode consentir que os Católicos sejam apenas «tolerados» nesta nação, que é de todos os Portuguezes, e que ao Catholicismo deve as suas glorias mais esplendidas, as mais luminosas páginas da sua história sem rival.

V. Ex.ª não há de querer que os factos continuem a justificar estas pungentes palavras proferidas pelo Chefe do partido evolucionista: «isto prova... como foram precipitados, inconscientes e ignorantes da nossa vida social os homens pretenciosos e falazes que julgaram esmagar com decretos e medidas repressivas os naturais direitos da consciencia religiosa do país» («A Republica» de 13 de agosto de 1913).

Pela nossa parte Ex.º Sr. Presidente da Republica Portuguesa, declaramos, sem imoderada arrogancia, mas também sem aviltante cobardia, estar dispostos a cumprir, custe o que custar, os nossos sagrados deveres de Bispos Católicos.

Saudo a Fraternidade

Em nome dos restantes Ex.ºs Prelados

Manuel, Arcebispo Primaz Augusto, Arcebispo de Évora.

Baptisado elegante

Celebrou-se na última quinta-feira, com toda a solemnidade, na Colegiada de Barcelos, o baptisado do filhinho primogenito do sr. dr. José Julio Vieira Ramos, illustre advogado-notário e presidente da Câmara Municipal daquele concelho, e de sua ex.ª esposa, a nossa gentilissima patricia sr.ª D. Maria Beatriz Monteiro de Meira Vieira Ramos.

Presidiu á cerimonia o venerando Bispo do Porto, Sr. D. António Barroso.

O inocentinho recebeu o nome de Manuel, tendo por padrinhos o sr. comendador Manuel José Ferreira Ramos, avô paterno e a ex.ª sr.ª D. Adelaide Sofia Monteiro de Meira, avô materna.

No lindo palacete do sr. dr. Vieira Ramos, foi oferecido aos assistentes, em seguida ao acto religioso, um magnifico almoço, sendo no final levantados muitos brindes.

Juntas de revisão

Foi determinado superiormente que fiquem nulas e de nenhum efeito, as resoluções tomadas pelas ultimas juntas de revisão, que reinspecionaram os manobros do contingente de 1917, os quaes pelas Juntas de recrutamento tinham sido isentos definitiva e conditionalmente e adiados, prevalecendo para todos os efeitos as deliberações das juntas de recrutamento, que primitivamente inspecionaram os referidos manobros.

AVA ANTIGA GUARDASOLARIA CARVALHO

Executam-se todos os concertos

Ao Guardasol Elegante!

104, R. Republica, 160-Guimarães

SANEAMENTO

Começou a necessária obra de moralidade e saneamento por parte da digna Commissão Administrativa Municipal.

Consta que há tremendas irregularidades e escandalosos favoritismos que são verdadeiros crimes de lesa administração. Para amostra:

Um veriador fornecia legalmente à Câmara de que fazia parte o carboneto a \$50 o quilo, na ocasião em que o seu preço era de \$36 a \$40. Havia já uma ordem de pagamento ao dito senhor na importância de 140 e tantos escudos, se não estamos em erro. Todos os funcionários municipais, ainda os mais modestos, andavam de carro, à custa da Câmara, já se vê. Uma das contas a pagar dizia respeito a uma diligência a Gonça, de carro. Apura-se que fóra lá um zelador ou coisa semelhante levar uma carta de mando de um individuo que nem sequer pertencia à Câmara. Outro empregado foi à Penha também de carro, em serviço de águas etc. São os tais pagamentos que fóram suspensos.

Apurou-se que certo ex-funcionário pedira a exoneração do seu cargo, em Dezembro de 1915, por não poder exercê-lo. Este gesto é digno de louvor. A exoneração foi concedida. Mas o funcionário, sem prestar qualquer serviço, e depois de exonerado, continuou recebendo no fim de cada mês 33\$33 de vencimento, até Dezembro findo. Foi assim defrontado o tesouro municipal em quantia superior a 800\$00! E' espantoso!

Consta haver coizas de maior vulto. Está explicada a razão de se quererem vencer eleições a tiro e à bomba.

E' que, parodiando Tomás Ribeiro, A Câmara é lauta bôda Onde come a gente toda Lobos famintos, come! Por hoje basta.

Professôras

São feitos neste mês os pagamentos segundo a nova tabela de vencimentos, isto é, com o aumento que devia ter sido pago desde Julho último.

Brevemente será paga a diferença em dívida desde Julho a Dezembro, para o que se está organizando já a respectiva fôlha.

Foi nomeada professora interina da escola central masculina desta cidade a sr.ª D. Maria do Céu Talina.

Vivas à Monarquia

O sr. Dr. João Rocha dos Santos, digno Administrador do Concelho, na ausência do effectivo, mandou prender e deteve durante umas 20 horas um individuo que no entusiasmo alcoólico dera vivas à monarquia. E' assim que se mantém o prestígio da autoridade!

Previsão do tempo

O meteorologo Sfeijon dá como provável, na primeira quinzena do mês corrente, o tempo seguinte: Hoje e amanhã, chuvas e neves na metade meridional da península, com ventos nordeste e sudoeste. No dia 12, chuvas, principalmente em Andaluzia e Portugal, com os mesmos ventos. No dia 13, chuvas desde o noroeste e norte. Nos dias 14 e 15, chuva e alguma neve, principalmente no noroeste.

A nova Câmara

A SUA 1.ª SESSÃO

Por lapso deixamos de informar em o nosso número anterior que o sr. Dr. João Rocha dos Santos foi aplaudido quando a Commissão tomou posse. Corrigimos hoje esse lapso, afirmando que o seu pequeno discurso obteve espontaneos e quentes applausos, tanto pela sua forma brilhante como pelo seu levantado conceito.

Reuniu em sessão extraordinária no passado dia 5, pelas 20 horas, tratando da distribuição dos pelouros, que ficaram assim distribuídos:

Instrução—Presidente, Dr. João Rocha dos Santos.

Viação e Aguas—Vice-presidente, Álvaro da Costa Guimarães.

Luz, Cemitério, Jardins e Arvoredos—Dr. Fernando Gilberto Pereira.

Taipas e Higiene—Dr. Alberto Ribeiro de Faria.

Impostos e Incendios—António de Freitas Ribeiro.

Matadouro, Expostos e Limpesa—Guilhermino Barreira.

Vizela—José Pinto de Sousa e Castro.

Baldios, Policia rural e urbana—João Rodrigues Loureiro.

Feiras e Mercados—António Pereira Mendes.

Fôram tomadas as seguintes deliberações:

Autorizou a presidência a desistir de uma acção de manutenção de posse intentada contra a professora da escola central feminina, D. Luísa Guedes da Fonseca Miranda, por não ter fundamento sério.

Mandou proceder a um inquérito à Repartição dos Impostos, sendo suspenso o respectivo chefe, sr. Rocha, e substituído pelo sr. Ramos.

Igualmente aos serviços da Administração do Cemitério, sendo suspenso o sr. P.º António Teixeira, e substituído pelo sr. P.º Ramalho, de Creixomil.

E também aos serviços do matadouro para se apurar responsabilidades pela falta de limpesa e outras irregularidades.

Autorizou diversos pagamentos de despesas e suspendeu várias ordens de pagamento, por ilegais.

Resolveu pedir espera aos portadores de obrigações por não haver dinheiro em cofre sufficiente para satisfazer os compromissos urgentes.

Foi autorizada a expedição de um telegrama de cumprimentos ao Ex.º Sr. Presidente e Membros do Governo.

Resolveu ainda suprimir alguns lugares por desnecessários ao serviço; abrir ao culto a capela do Cemitério, mandando fazer-lhe as obras necessárias e nomear uma commissão para tratar das subsistências, pensando-se em cozer pão por conta da Câmara, em beneficio dos pobres.

Reuniu ontem novamente ás 14 horas, apreciando o vário expediente, e concedendo várias licenças.

Ordenou um inquérito aos actos da Câmara cessante, ficando a presidência encarregada da escolha do sindicante.

Aceitou a exoneração pedida pelo sr. Dr. Mota Prego de advogado da Câmara.

Substituiu várias comissões que tinham sido nomeadas pela Câmara

cessante, algumas das quais não tinham sido feitas segundo as disposições regulamentares.

Nomeou novo Conselho de Assistência Escolar nos termos do regulamento, visto o actual servir há mais de três anos.

ECLIPSES

Durante o ano de 1918, haverá dois eclipses do sol e um da lua, todos invisíveis em Portugal.

De 8 para 9 de julho, eclipse total do sol, começando às 7,29 da tarde e terminando às 12,43 da noite. É visível na America do Norte e Central, na parte oriental da Siberia, nas regiões boreaes, no Pacifico ao norte do equador, no Japão e na China Oriental.

Em 24 de julho, eclipse parcial da lua, começa às 8,9 da manhã e termina às 12,47 da tarde. É visível na parte ocidental das duas Americas, no Pacifico e na Australia.

Em 3 de dezembro, eclipse annual do Sol. Começa às 12,21 da tarde e termina às 6,22. É visível na America do Sul, para além do equador, no Atlantico sul e na Africa Austral.

Jurados criminaes

Relação dos jurados criminaes que foram sorteados para servir no 1.º semestre do corrente ano:

José Ribeiro Moreira de Sá e Melo, Francisco Pereira Silverio, dr. Alberto Rodrigues Ferreira da Silva, Alfredo de Araujo Leão Martins, dr. Henrique Cardoso Martins de Menezes, José Borges Teixeira de Barros, Abel de Vasconcelos Cardoso, Antonio José de Oliveira, Antonio Leite de Castro, Alvaro da Costa Guimarães, José Antonio dos Santos, João Antonio Alves de Freitas Torres, Agostinho Fernandes Rocha, Avelino de Faria Guimarães, Antonio Calres Pinto de Madureira, dr. Antonio Coelho da Mota Prego, José Francisco Gonçalves Guimarães, Luiz Augusto de Pina Guimarães, Antonio José Lopes Correia, Augusto Pereira Montinho, dr. João Joaquim da Costa Oliveira Bastos, dr. Manuel Bernardino de Aranjo Abreu, Alfredo Ribeiro Belino, dr. Francisco Moreira Sampaio, dr. Abel de Vasconcelos Gonçalves, Joaquim da Costa Vaz Vieira, João Rodrigues Loureiro, Luiz Cardoso de Menezes, Antonio Virgem dos Santos, dr. João Martins de Freitas, José Duarte Guimarães, José Rodrigues Leite da Silva, Rodrigo José Leite Dias, Manuel Caetano Martins, dr. Manuel Procópio Pereira Caldas e João Vasco Cardoso Guimarães.

A segunda pauta será feita no dia 1 de Julho, na conformidade da lei.

A falta de chuva

Causa horror passar os olhos sobre o seguinte mapa indicativo da chuva, expressa em milímetros, caída durante o outono dos últimos trinta anos:

1888	888,8	1903	524,7
1889	375,3	1904	287,5
1890	282,1	1905	319,8
1891	480,4	1906	286,7
1892	334,2	1907	767,5
1893	654,7	1908	374,2
1894	579,5	1909	509,4
1895	683,3	1910	628,1
1896	330,2	1911	465,6
1897	375,0	1912	298,4
1898	509,9	1913	593,4
1899	544,0	1914	449,6
1900	411,4	1915	323,3
1901	311,2	1916	436,9
1902	365,7	1917	78,3

Como se vê, em outono nenhum caiu tão pouca chuva como no de 1917.

Vendem-se

Duas traves de castanho, um cipreste e uma nogueira. Falar com o sr. Procurador Pimenta.

Ainda a caixa de Urgezes

... Sr. Redactor:

Permita-me que agradeça a sua attitude de verdade e justiça nesta questão da Caixa de Urgezes, que começou por um anónimo-aviso ao sr. José Teixeira, e passou, por culpa dele, a um estado de *afinação* que vai envolvendo mais alguém. Eu logo me explico. Se o sr. José Teixeira se calasse, tinha feito bem. E teria feito ótimo, corrigindo-se. Mas deu-lhe na tineta dizer que o branco é preto, fiado não sei lá em que protecções, e meteu-se em cavalarias de Sancho Pansa, de que póde bem dar trambolhão graúdo. Não é descompondo aquêles, que nos accusam com verdade e por necessidade, que se organizam defesas em termos. Não é recorrendo aos tribunais que os homens se desafrontam, *sem quererem ser parte no processo*. Eu estou-me rindo das queixas em juizo do sr. Teixeira, emquanto me mantiver, como sempre foi meu hábito, dentro das normas da verdade e da correcção. A Caixa, ninguém lh'a pretende, como parece desconfiar o sr. Teixeira. O que se pretende é corrigir o sr. Teixeira nas suas funções de depositário duma Caixa-postal, qualidade que, trazendo-lhe vantagens forçosamente lhe há de trazer obrigações.

A Caixa deixá-la estar onde está. No estabelecimento do sr. Teixeira é um chamariz para o arroz, para o bacalhau e outras miudezas. Quem fór freguês gosa sorrisos, boa cara, boas ausencias e cartinhas entregues a tempo e horas. Quem não fór, apanha ausencias de indecente, caluniador e ocioso; e quanto á correspondência que tiver, — entrega-se-lhe (se é que se entrega) com 8 e 20 dias de demora!

Que se faça frèguês e tudo mudará.

Mas deixemos o sr. Teixeira. Dizia eu que a questão da Caixa de Urgezes vai afinando e envolvendo mais alguém. Quero referir-me ao sr. Anibal das Neves Coelho, director do Correio de Guimarães. Deste cavalheiro recebi o officio n.º 241 e por virtude dele compareci, no dia 26 de Dezembro próximo passado, na sua repartição, levando a carta prisioneira 20 dias na posta de Urgezes e as testemunhas para confirmarem o que eu aleguei no «Vimaranense» de 13 de Dezembro. O sr. director ouviu-me, viu e reviu o carimbo da carta, ouviu as testemunhas e terminou por dizer que mandaria chamar o sr. Teixeira para o acarear com as testemunhas. Não teria sido mais acertado, para poupar incómodo ás testemunhas, fazer comparecer no mesmo dia 26 o sr. Teixeira? E porque não se tomou nota escrita daquilo, que as testemunhas declararam?

E para que é preciso a acareação do sr. Teixeira com as testemunhas, se o sr. Teixeira já tinha feito a sua *legítima defesa* num impresso dirigido ao mesmo sr. director do Correio? Não se percebe toda esta embrulhada, sem admitirmos que o sr. Teixeira *priva muito com os deuses*.

Mesmo porque, apesar de o sr. chefe de Guimarães ter dito que chamaria o sr. Teixeira á tal acareação, ainda isso se não fez, nem o sr. chefe teve ainda (que eu saiba) um gesto demonstrativo de que quer o caso bem aclarado e o sr.

Teixeira corrigido, quer dizer, a não dar motivo aos queixumes do público.

Ora vejamos se isto entra nos eixos!

Urgezes, 9 de Janeiro de 1918. Francisco Fernandes Guimarães.

COMUNICADOS

Polícia correccional na audiência de julgamento de Rosa Maria «A Loja»

Acusada de ter ofendido com expressões injuriózas a Josefa de Jesus, casada com Manuel de Madureira, fiscal dos Impostos, moradores nesta cidade, a arguida deu explicações nos seguintes termos:

Que não se recordava de ter proferido as palavras que lhe são atribuidas no processo, injuriózas para Josefa de Jesus, mas se, por ventura, proferiu tais expressões, retira-as, considerando a dita Josefa de Jesus pessoa bem comportada.

Em vista do exposto na declaração feita pela ré Rosa Maria «A Loja», foi esta condemnada nas custas e selos do processo.

Manuel de Madureira.

Náufrago do amor

Depois de ter passado a estação invernosa na Itália, um pouco cansado da minha excursão através da Europa, resolvi assistir ao refflorir dos campos, ao desabrochar das rosas no sólo fértil da França.

Em Paris, hospedei-me num modesto hotel de cujas janelas contemplava o zimbório do Pantheon, onde dormem o sono eterno os gigantescos cérebros que illuminaram o mundo como sois impagáveis do firmamento. Habitava no mesmo hotel, um rapás também português, o qual, desde que nos encontramos, atraiu-me duma forma tal que não posso explicar a não ser com a nostalgia de até aquela data não ter encontrado quem me falasse na cristalina lingua que Camões immortalizou.

Teria 23 anos. De estatura mediana, magro, tez morena, olhos pequenos, que pelo reflexo pareciam duas estrelas trilhando o firmamento, a sua vasta cabeleira, negra como azeviche, caí-lhe em desalinho deixando ver de espaço a espaço alguns fios prateados, sintomas talvez da febre da mocidade gasta na infortunada estrada que muitas vezes o deus Cupido alcatifa de espinhos.

Foi numa cervejaria do Boulevard S. Martin, abancados a uma pequena meza, que este rapás, aproximando de mim a sua cadeira e tomando uma attitude que me surpreendeu, mudou o rumo da nossa banal conversa, perguntando-me:

— O meu amigo algum dia amou?

Fiquei surpreso, porque estava bem longe de ouvir tal pergunta, e respondi-lhe quasi sem pensar: — Não.

Agarrando nervosamente a minha mão, disse num suspiro: — E' feliz. Eu sou um desgraçado. Vou contar-lhe o periodo da minha vida em que eu, como vê, quasi uma creança, sofri tanto que os meus cabelos tomaram, em parte, a cor da neve. Tinha 20 anos quando pela primeira vez amei, como só se ama uma vez. Era uma parisiense de 18 anos a mulher com quem despedacei o meu pobre coração. Se não lhe aborreo, vou tentar descrever-lhe essa jovem idolatrada. Os seus cabelos, fios de ouro, luziam como raios solares, a sua cor era branca como a lua brilhando numa noite escura no firmamento, a sua

voz, posto que meiga, tinha um timbre que nos arrancava da alma sensações desconhecidas, que nos endoidecia de éxtasis amorosos.

Não posso explicar-lhe a beleza com que a natureza dotou este ente que havia de ser mais tarde a causa de todos os meus infortunios. Horriavel foi a minha vida em amá-la e a minha perdição certa. Dum homem cheio de vida tornei-me no que o meu amigo vê, um doente, um autómato que vai atravessando a vida sem mes-

mo reparar nos sorrisos da natureza, só com o coração ágrilhoado a um passado que não existe. Hoje só espero a morte, essa é quem será a terna companheira da minha desditosa mocidade. Como fui louco! Mas, quem poderá dizer ao coração que não ame? Quem poderá abafar no intimo da alma o desabrochar do amor, embora conheça que esse amor nos traz desdita?

(Continúa)

A. R. S. Mota.

“ATLANTICA,” Companhia de Seguros

CAPITAL 500 CONTOS FUNDO DE RESERVA 50 CONTOS

SÉDE: PORTO—LOYOL, 93

AGENCIA PORTO—INFANTE D. HENRIQUE, 53

Telegrammas—“ATLANTICA”—PORTO

Director delegado	1986
Expediente	4308
Secção marítima	2106
Secção agrícola	2086
Agencia	1897

DELEGAÇÕES E AGENCIAS

Lisboa	Barcelona	Athenas	Liverpool
Londres	Vigo	Bordous	Malta
Pariz	Genova	Havre	Funchal
Christiania	Palermo	Marselha	Ponta Delgada
Stockholmo	Petrogrado	Tunis	Ilhas de Cabo Verde
Copenhague	New York	Alger	Alexandria
Madrid	Boston	Lyon	Cairo

3.100 correspondentes no Paiz

Seguros contra fogo, roubo, tumultos, assaltos, guerra, guerra civil, granizo, inundações

Seguros contra morte e accidentes de animaes Seguros marítimos contra todos os riscos

Commissarios de avarias em todos os portos do mundo

SEGUROS DE GUERRA

RECEITA SINISTROS

1914	38.876,71	1914	22.601,41
1915	71.197,30	1915	25.803,15
1916	537.897,94	1916	133.470,99
1917 até 31 d'agosto	2.108.200,78	1917 até 31 d'agosto	1.318.523,74

Apólices emittidas durante o corrente anno

Incendio	14.983
Marítimas	3.230
Agrícolas	2.027
Gado	6.125

BANQUEIROS

J.M. Fernandes Guimarães Porto | José Augusto Dias C.—Lisboa
Joaquim Pinto Leite C.—Porto | London County & Westminster Bank Ltd
Banco Commercial do Porto-Porto | Pinto Leite Nephws—Londras
Banco Nac. Ultramarino—Porto | Crédit Lyonnais—Pariz
José Augusto Dias C.—Porto | Revisions Bank—Copenhague

Esta COMPANHIA está em relações com Companhias Inglesas, Francezas, Italianas, Russas, Dinamarquezas, Suecas, Americanas e Hespanholas.

AGENCIA EM GUIMARÃES

Passeio da Independencia, 102 a 105

COMPANHIA CONFIANÇA PORTUENSE

Sociedade Anonima de Seguros Responsabilidade Limitada

Capital social	810.000,00
Emittido	190.000,00
Por emitir	4.000.000,00

Séde: 20, rua Mousinho da Silveira, 22—PORTO

Correspondentes nas principais terras do paiz

Seguros contra fogo, raio, tumultos, grèves, roubos e guerra, Seguros marítimos, fluviais, agrícolas e postais.

SEGUROS CONTRA MORTE E ACCIDENTES DE ANIMAIS, A TAXAS REDUZIDAS

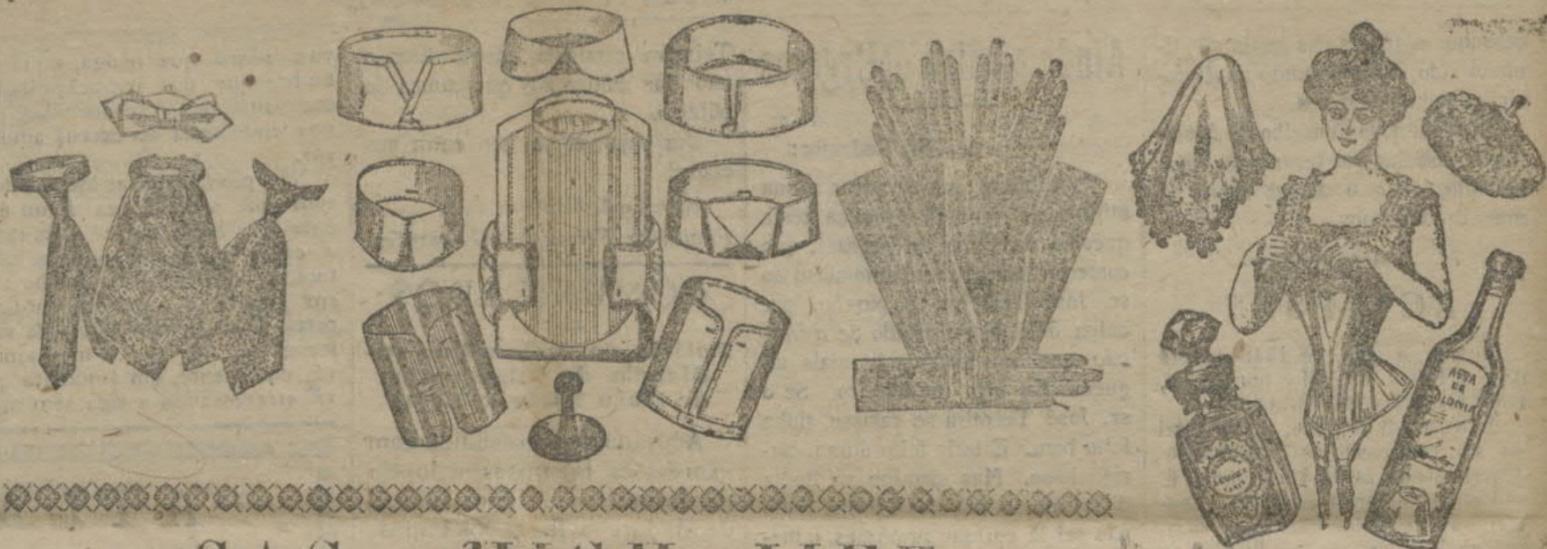
Sinistros pagos por esta Companhia:

Escudos 1.235.330,98,2

Agente em Santa Marinha da Costa:

SIMÃO PINHEIRO

RUA EGAS MONIZ, 32—GUIMARÃES.



CASA HIGH-LIFE

31, RUA 31 DE JANEIRO, 7 (esquina) — PRAÇA D. AFFONSO HENRIQUES, 132

GUIMARÃES

Inauguração da estação de inverno

hapeus para senhora e creança
amisaria, gravataria, modas e perfumaria
Novidades parisienses



ANTIGA OURIVESARIA LIMA

—DE—

AMELIA LIMA S. FONSECA

65, Rua do Dr. Avelino Germano, 65 (antiga rua de S. Paio)

GUIMARÃES.

Esplendido sortido e grande variedade de objectos de ouro e prata, nacionaes e estrangeiros, em caixas de luxo proprias para brinde.

Grande sortido de relógios de bolso em ouro, prata e aço, assim como relógios de meza e de parede, e despertadores dos melhores auctores.

Compra-se ouro e prata usada, assim como se fazem todos os concertos, por mais difficeis que sejam, com a maxima perfeição.

Ha a maior seriedade e economia em todas as transacções.

O gerente, José Joaquim da Fonseca.

Livrarias e casas-editoras

Recommendamos as seguintes:

- Livrria Bertrand, de José Bastos—Rua Garrett—Lisboa.
- Livraria França Amado—Rua Ferreira Borges—Coimbra.
- Livraria Guimarães & C.^a—Rua do Mundo—Lisboa.
- Companhia Portugueza Editora—Rua do Almada—Porto.
- Livraria Moura Marquês—Largo M. Bombarda—Coimbra.
- Livraria Alfredo David—Rua de Serpa Pinto—Lisboa.
- Livraria Academica—Rua das Oliveiras—Porto.
- Livraria Abrantes—Rua do Alegrim—Lisboa.
- Bibliotheca do Povo—Rua de S. Bento—Lisboa.
- Livraria Internacional—Calçada do Sacramento—Lisboa.
- Livraria Universal—Rua Direita—Açeyro.
- Casa Belem & C.^a (Successores)—R. do Marechal Saldanha—Lisboa.
- Livraria Classica Editora—Praça dos Restauradores—Lisboa.
- Livraria Cruz & C.^a—Rua Nova de Souza—Braga.
- Livraria Bordallo—Rua da Victoria—Lisboa.

VIMARANENSE

Semanário politico, literario e noticioso,
orgão do Partido Evolucionista

Ex.^o Sr.